

Fábio Bialoglowka

CURRÍCULOS DE RESSOCIALIZAÇÃO  
PARA PRIVADOS DE LIBERDADE

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos e de Privados de Liberdade da UFRGS – Universidade federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em EJA e EPL.

Orientadora: Prof Dr. Carmem Maria Craidy

Porto Alegre  
2011

## RESUMO

Não basta apenas nascer livre, liberdade se mantém. Caso um deslize nos passos, ela é retida e colocada na tutela do Estado. E quando isto acontece, muitas mudanças são obrigatórias na vida das pessoas: alimentares, higiene, comportamental, etc.

A pesquisa foi predominantemente realizada na Penitenciária Estadual do Jacuí. O método escolhido foi de entrevista semi-estruturada, com perguntas que se formulavam ao longo das conversas.

A remição de pena é apontada por ser pouco relevante ao levar apenados a procurar a escola, no entanto as críticas sobre as histórias escolares no passado são muitas e desanimadoras.

No presídio se encontra um Núcleo de educação, mas na visão dos alunos aquele ambiente é uma instituição dentro da casa penal. Os alunos buscam a ressocialização nas aulas oferecidas nas salas de aula, porém as dificuldades são enormes para que este movimento aconteça.

O preso tem consciência em se ressocializar para retornar à sociedade.

Além do estudo, outros praticam sem orientação leituras aleatórias e escrita de diários entre outras informações sobre a vida na PEJ, que poderiam ser utilizadas em salas de aula dos apenados.

A educação profissionalizante é um agente contribuinte para que se elabore um currículo eficaz para a ressocialização, até porque o egresso precisa se inserir no mundo do trabalho.

Pensar um currículo ainda é precoce ao se pensar numa estruturação adequada de educação em casas penais.

## SUMÁRIO

<b>CURRÍCULOS DE RESSOCIALIZAÇÃO PARA PRIVADOS DE LIBERDADE .....</b>	<b>4</b>
INTRODUÇÃO.....	4
O PÚBLICO PESQUISADO E O MÉTODO .....	5
A ESCOLA E A REMIÇÃO DE PENA.....	9
A ESCOLA QUE FALHO.....	15
A SITUAÇÃO DAS ESCOLAS NOS PRESÍDIOS .....	18
O NÚCLEO NA PEJ.....	20
TEMPO PARA REFLEXÃO .....	23
ESTUDAR PARA RESSOCIALIZAR.....	26
A ESCRITA COMO REGISTRO DE EXPERIÊNCIAS E SONHOS.....	29
CERTIFICAÇÃO DE ESTUDO X CERTIFICAÇÃO DO CRIME .....	31
A EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE .....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
REFERÊNCIAS .....	37

## **CURRÍCULOS DE RESSOCIALIZAÇÃO PARA PRIVADOS DE LIBERDADE**

*“Nenhum homem é tão livre, nenhum homem é tão preso. O importante é estar bem consigo e com os outros. A liberdade sem identidade é a prisão no corpo. A prisão com consciência é estar livre para ser o que se é.” (P.H., 53 anos)*

### **INTRODUÇÃO**

A liberdade é questionada, é vista como um bem que se adquire. Para esta aquisição, o sujeito (e aqui não diferenciando os gêneros) precisa conquistar, batalhar no dia a dia e garanti-la. Não basta apenas nascer livre, liberdade se mantém, se conserva e se faz manutenção dela. Caso um deslize nos passos, ela é retirada e colocada sob tutela do Estado. Depois disso, inicia um longo processo, de papéis, e muitos papéis; de pessoas e muitas opiniões; de muitos julgamentos e muitos juízes, alguns deles ou até muitos deles pessoas comuns, mas com poder de julgar o que se considera o extrato mais inferior da sociedade: o criminoso; julgar para que o sujeito volte a ser livre de novo. Agora, ele precisa provar que pode ser livre, que tem condições de assumir sua vida como outrora fazia, antes do deslize. Ser livre depois do cumprimento de pena se torna mais difícil na prática do que na teoria.

Diante destes apontamentos, o presente trabalho buscará refletir sobre a Educação de Ressocialização. Nele será possível pensar argumentos concretos, válidos e eficazes que montem currículos para privados de liberdade, com intuito de prepará-los para a ressocialização.

Os primeiros passos serão fazer uma abordagem sobre a metodologia e os pesquisados, apontando seus interesses, inquietações e principalmente suas falas, que constituem a maior parte do referencial desta pesquisa, considerando que os currículos são constituídos de necessidades dos próprios beneficiados.

Com relação à metodologia, serão explicados os desvios de métodos e oscilações nas formas de se apontar os dados, sendo elas constituintes dos

interesses dos pesquisados e indicando caminhos para a construção dos currículos.

Neste diálogo entre observações e falas, dados relacionados ao processo de escolarização dos pesquisados, assim como suas posturas diante da instituição Escola, serão apresentados para ampliar as reflexões sobre alguns dos modelos existentes e de alguns dos modelos idealizados de escolas que existem, oportunizando a ilustrar as expectativas construídas com a escolarização.

A remissão de pena terá um espaço para ser desmistificada com os contrastes dos dados da pesquisa e a legislação existente. Considera-se um distanciamento entre eles, no senso comum e no que se registrou nas entrevistas.

E no final das análises dos dados e reflexões, as certificações que os apenados levam no pós-cárcere serão questionadas e apresentadas juntamente com as dificuldades de ressocialização e construção da imagem de cidadão e garantias de direitos sociais, traçando um paralelo entre o esforço em se inserir legalmente na sociedade e os estigmas persistentes que a condenação garante ao sujeito: *Marcas do que passei somem ou podem ser mentidas. O papel que carrego mostra quem eu fui e não quem eu sou.* (P.H., 53 anos)

E para a conclusão da pesquisa será questionada a forma de educar no cárcere e, simultaneamente, sendo aberto um convite para as rupturas dos preconceitos que a sociedade, local de reinserção do apenado no pós-cárcere, constrói e não se interessa em esclarecê-los.

## O PÚBLICO PESQUISADO E O MÉTODO

A pesquisa se deu em ambientes diferenciados. Mesmo se tratando de privação de liberdade, não só o apenado em regime fechado foi ouvido, observado e percebido, pessoas que também já passaram por dentro do presídio participaram da pesquisa. Algumas delas já não tendo mais dívidas

com a lei, outras ainda em processos judiciais, e longos processos que como elas mesmas dizem “parece não ter mais fim”.

A linguagem dos relatos transcritos na monografia sofreu alteração nas concordâncias, traduções de gírias específicas das casas penais e aperfeiçoamento gramatical aproximando aos padrões da Língua Portuguesa formal, isto devido à preservação da identidade dos entrevistados que, em alguns casos, possuem linguagem específica, tendo que supostamente seria possível serem reconhecidos nas falas, assim como para outro objetivo uma padronização escrita da monografia.

A instituição de regime fechado escolhida é a Penitenciária Estadual do Jacuí, em Charqueadas/RS, a PEJ, como é conhecida, é a casa de uma média de 2.100 homens, número extraído em 2010, e certamente alterado devido à frequente rotatividade, transferências e progressões de pena.

As transferências e progressões de pena alteram na escolha do método. A entrada de pesquisadores na PEJ, devido às mudanças de Governo, e logo a de dirigentes das casas prisionais no Rio Grande do Sul, em 2011, foi dificultada pelo não seguimento de trabalhos já anteriormente estabelecidos. Diante de tais dificuldades, as pesquisas na PEJ se deram em conversas informais, sendo que nos casos dos apenados internos, não houve uma segunda entrevista por se tornar inviável um novo encontro.

Com isto, o método escolhido foi a entrevista semiestruturada, em um único momento, em que algumas perguntas se formulavam ao longo das entrevistas, conforme as respostas e o direcionamento que os diálogos se tomaram.

Nas entrevistas realizadas fora das instituições penais, com egressos do sistema e cumpridores de penas em regime aberto, as conversas foram oportunizadas em mais de um momento, aumentando o vínculo entre o pesquisador e os pesquisados. No entanto em regime aberto como em regime fechado, os pesquisados preferiram não se identificar, autorizando apenas o uso de pseudônimos e letras iniciais, muitas delas não correspondendo ao nome verdadeiro. No caso de regime aberto ou de egressos, o motivo alegado para o anonimato vem a ser refletido na pesquisa, servindo de argumentos para algumas conclusões. Os termos de consentimento passam a não ter valor, pois os mesmos correspondem a nomes fictícios ou, em alguns casos, até

mesmo os pesquisados negaram o seu preenchimento., ainda que aceitando a entrevista.

*Posso falar o que o senhor quiser, mas assinar embaixo não rola. Já assinei muito papel que me disseram que não dava nada e acabou dando tudo. Quer que eu fale, eu falo, mas assinar papel, acho que não, tenho medo, se eu me emocionar e falar demais, pode me quebrar<sup>1</sup> depois. Prefiro só falar e deixamos assim. (P.H. 53 anos)*

Em primeiro momento é importante apresentar um pouco do ambiente de uma casa carcerária. Por mais que se procure detalhar, nenhuma descrição é tão fiel, ou talvez próxima da realidade. O estranhamento é diário e momentâneo, e em cada visualização, uma nova percepção se constrói para quem não convive com o ambiente. A PEJ é uma das mais antigas casas prisionais do Rio Grande do Sul, criada em 1930, lá dentro, uma quantidade de homens espera por decidirem suas vidas, passarem o tempo, cumprirem suas penas.

O lugar é frio, sem cores e sem alegrias. Os sorrisos são falsos, curtos e em seguida se vê que a vida lá é uma tristeza controlada. Tudo é controlado. Em primeiro lugar está a segurança, em todos os movimentos realizados, tanto por apenados, como militares e profissionais civis. A Penitenciária Estadual do Jacuí ainda está muito longe de ter condições de abrigar pessoas para ressocialização, que futuramente seriam reinseridas na sociedade.

Assim como a grande maioria das penitenciárias do país, as condições de vida são subumanas. Faltam reparos nas instalações elétricas e de água. As instalações em geral são organizadas pelos próprios apenados, sem recursos e materiais adequados. A lotação nas celas é um problema crônico, tão crônico que deixa de ser um problema, passa a ser uma situação que se acredita não ter mais solução:

*Que aqui era ruim, sempre me diziam lá fora, mas nunca imaginei que fosse pior que ruim. Não sei como não morre ninguém com choque de luz. A coisa é tão séria que quando se entra aqui tem que fazer uma aula de PEJ. Além das regras daqui, tem que aprender a viver aqui dentro, a mexer nas coisas, a comer a comida, a ir no banheiro, até as horas das coisas são diferentes e malucas. Tem almoço que é de tarde. Comida que vem pronta e tem que cozinhar de novo. Tem de tudo e parece que não tem nada. Não sei nem explicar. Só entrando nas galerias pra ver. [...] Tem cela que vira igreja, tem cela que vira casa de macumba e na mesma cela mora*

---

<sup>1</sup> Comprometer.

*gente. Nem se sabe quem são os caras da cela, mas cada uma tem seus donos. Umas têm só um ou dois caras, e outra menor tem mais de 20. (J.C.A., 24 anos)*

A falta de higienização adequada reflete na saúde, no aspecto visual da casa; casa ou depósito de homens. As equipes de atendimento, tanto social, saúde física e mental, e defensoria, fazem o esforço impossível para um bom atendimento e a melhoria do que se chama de humanização das pessoas. A PEJ, como em outras casas penais, é o reflexo de diferentes políticas vindas dos governantes, interesses sociais da população e da segurança, que será responsabilizada por qualquer deslize nas suas funções. Lá é um esconderijo dos homens maus, tão escondido que nem quem as escondeu, conhece o lugar: a sociedade.

*Sei que fiz mal pra muita gente lá fora. Mas fiz uma vez pra cada uma. Aqui eu pago todo dia. É um castigo de todos os dias. Se eu fizesse menos gente sofrer lá fora não ia mudar aqui dentro. [...] quem faz uma coisa grande ou uma coisa pequena na rua leva igual aqui dentro. O castigo é igual pra quem matou um cara e pra quem roubou roupa da casa do vizinho. (M.G.S., 32 anos)*

Dentro deste ambiente, no fundo do corredor principal, que liga as galerias, encontram-se as celas de aula. A escola da PEJ é um Núcleo de Educação de Jovens e Adultos. A denominação escola vem dos próprios apenados, pois por ser um núcleo, a denominação adequada seria de sala de aula na penitenciária. A administração do Núcleo se encontra em outra instituição penal, localizada nas proximidades.

*Eu sou aluno do colégio. Estou estudando quase um mês, parei um pouco, mas a professora disse que era pra eu voltar. Eu voltei. E no colégio dá para ouvir a nossa aula e a aula do lado. [...] eu tenho meu caderno, lápis, borracha... Estou meio preguiçoso, eu deveria ler um livro. A outra professora do colégio, um dia que ela deu aula pra gente também, disse que todos nós temos que ler um livro. (M.G.S.32 anos)*

Neste relato, percebe-se que o aluno tem construído a ideia de escola. Ele vê as salas de aula como uma instituição dentro do presídio, que possuem outros professores e estes se organizam nas suas rotinas de trabalho, e contribuem para o aprendizado de todos os alunos.



## A ESCOLA E A REMIÇÃO DE PENA

Quando se fala em escola em presídio, percebe-se uma divergência de concepções sobre ela. Estas concepções foram percebidas nos diferentes segmentos do ambiente carcerário. Por parte dos detentos, alguns salientam que a escola é um “campo neutro”<sup>2</sup>, lá os conflitos não estão em evidência, é um momento de paz, de liberdade, da não violência. Outros comentam que as aulas no presídio são um momento de aproveitar as horas ociosas no tempo de cumprimento da pena para aprender aquilo que foi perdido ao longo do tempo.

*Aqui ninguém briga, nem da vontade de brigar. Quando a gente chega parece que somos todos da mesma galeria. Quem vê, pensa que é assim. Não brigamos e nem mandamos ameaças para as outras galerias. Aqui todos respeitam a aula e a professora. É bom aproveitar que não tem nada para fazer e estudar. A gente aprende um monte de coisa, o tempo passa bem ligeiro. Pena que não tem aula nos finais de semana. Quando não tem visita e não tem aula, daí fica chato demais. (G.R.S.C., 30 anos)*

Com relação a isto, a recuperação do detendo, segundo eles, está diretamente em recuperar todas as etapas e situações de conflito na vida, entre elas a escola. Percebe-se muito a possibilidade de recuperação do estudo, levando em consideração o abandono do ambiente escolar já em troca de pequenas infrações. Isto revela no apenado a concepção de que além do castigo, a casa carcerária é um lugar de possível ressocialização.

*Agora com a aula quero ser um homem direito. Tenho meus filhos e mulher. Quero ser gente boa e trabalhar para ser uma pessoa direita e boa. Ganhar meu dinheiro. Quero trabalhar de carteira assinada e ganhar meu dinheiro para me sustentar. Pra isso eu tenho que estudar. E quando sair daqui, quero estudar mais. (G.R.S.C., 30 anos)*

Para os professores, pensar escola está na fuga do ambiente carcerário, como um resgate da dignidade e de situações de vida comum. Ainda há alguns

---

<sup>2</sup> Expressão comum entre os entrevistados.

professores que concebem a escola apenas pelo objetivo de remição. Na Lei de Execução Penal, a remição de pena é de três dias estudados para um dia de liberdade antecipada. Parece uma disparidade muito grande, muito tempo de estudo para pouca liberdade, porém um dia a menos no presídio, longe das condições desumanas, é um longo dia. Sobre a remição, na Lei de Execução Penal:

Art. 126. O condenado que cumpre a pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena.

§ 1º A contagem de tempo referida no **caput** será feita à razão de:

I - 1 (um) dia de pena a cada 12 (doze) horas de frequência escolar - atividade de ensino fundamental, médio, inclusive profissionalizante, ou superior, ou ainda de requalificação profissional - divididas, no mínimo, em 3 (três) dias (BRASIL a, 2011)

Com esta concepção de escola vinda por professores e alunos, nota-se que não há um planejamento com relação aos objetivos do estudo e suas finalidades dentro do cárcere. Sem os objetivos traçados, os alunos têm a escola como um lugar com muitas finalidades, porém não previamente decidido. Acaba que a escola tenha múltiplas faces atendendo insatisfatoriamente a diferentes interesses, deixando de ser eficiente, apenas sendo uma oferta.

*Aqui eles aprendem um pouco, eu sei que é muito pouco, mas melhor do que nada. E, além disso, não ficam o dia inteiro parados só aprendendo a malandragem das galerias. E tem a remição da pena. Também acho pouco, mas já ajuda, lá nas galerias sem ter o que fazer, podem correr riscos de pensar em fugas e brigas e se complicar mais, daí vão acabar aumentando a pena. Aqui na aula eles têm a chance de diminuir e sair um pouco melhores. (Professora, 18 anos de profissão, 6 na instituição)*

É neste aspecto que se questiona a ideia de construção do currículo. Nas reflexões sobre os objetivos da escola e suas finalidades, o currículo é o caminho motivador da prática que oportuniza a chegada de uma conquista: a conclusão do módulo escolar. É ele quem vai organizar a prática para o alcance dos objetivos previamente determinados. Mas se não se tem objetivos, logo o currículo é algo vago e está dissociado de qualquer prática educativa.

Pensando a escola no cárcere como um ambiente de ressocialização, já que a penitenciária é um espaço para preparar o sujeito para a vida na

sociedade, mesmo estando longe do cumprimento desta função, é imprescindível pensar na construção de um currículo que seja ressocializador. Desta forma, a escola não seria apenas mais um ou apenas um espaço para que o detento apenas diminua sua permanência na instituição a partir da remição.

Deve se considerar também, as concepções de escola explicitadas pelos agentes do cárcere<sup>3</sup> e profissionais civis. O trabalho dos militares é de manter a segurança e a mobilidade dos detentos, desde seus primeiros momentos na instituição até a saída. Com esta responsabilidade e com a constituição de vínculos muitas vezes fragilizados e marcados pelo estigma, a presença de conflitos e situações de risco à segurança é eminente:

O presídio é, sobretudo, um lugar cuja preocupação principal é a segurança e a detenção das pessoas ali encarceradas. É o lugar da não-liberdade, onde a vida dos presos é regida por regras rígidas e horários fixos. (IRELAND, p.29)

Na presença destas situações, as declarações sobre escola no meio dos militares divergem amplamente. Por um lado, há quem acredite no poder da escola em ressocializar e ser um importante agente na construção desta ressocialização do apenado. Ouve-se que é possível recuperar e, para isto, o apenado deve ser respeitado, educado e ter a oportunidade de resgate da escolarização, já que a vida lá fora o retirou da escola e o enviou para o crime. Para isto, a oferta deve ser maior, mais abrangente e deve-se pensar o que os alunos precisam aprender para garantir a ressocialização.

*Seria bom que eles estudassem. Os que estudam não dão problemas. Mesmo depois que saíram da escola. Eles ajudam a controlar o povo das galerias. Estudando eles vão virar gente. Pensar em coisas boas para o futuro. Vão ocupar as mentes com coisas de bem. É, deveria ter mais vagas, mas também teria que ter maior organização para trazer eles de lá<sup>4</sup> para a aula. [...] Vamos matando um leão por dia. Quem sabe um dia a gente vê que matou a selva toda. (Brigada Militar)<sup>5</sup>*

---

<sup>3</sup> Na PEJ, os agentes carcerários são militares da Brigada Militar do Estado.

<sup>4</sup> Galerias.

<sup>5</sup> Emite-se o tempo de trabalho, pois a fala sugere uma crítica à organização do Sistema Penal, logo se preserva a identidade total do guarda e sua real função na instituição, considerando que o mesmo ocupa um cargo de chefia na PEJ.

Ao tratar das vagas e logo da organização do sistema para que os apenados tenham acesso às salas de aula, o “soldado”<sup>6</sup> faz alusão aos artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que estabelece direito de todos à educação, contribuindo para a qualidade na tolerância, compreensão e amizade entre todos:

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.
3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos. (UNESCO)

E assim, sendo reforçada na Lei de Execução Penal, que responsabiliza o Estado pela assistência à educação do preso. Como se confere na Seção V, do Capítulo II:

- Art. 17. A assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado.
- Art. 18. O ensino de 1º grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da Unidade Federativa.
- Art. 19. O ensino profissional será ministrado em nível de iniciação ou de aperfeiçoamento técnico.
- Parágrafo único. A mulher condenada terá ensino profissional adequado à sua condição.
- Art. 20. As atividades educacionais podem ser objeto de convênio com entidades públicas ou particulares, que instalem escolas ou ofereçam cursos especializados.
- Art. 21. Em atendimento às condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos. (BRASIL b, 1984)

E ainda sobre a garantia de salas de aula, a Lei de Execução Penal, de 1984, no artigo 83, acrescentado o inciso 4 pela Lei 12.245/2010, que amplia da Educação de 1º Grau, correspondente ao Ensino Fundamental, para a Ensino Básico e Profissionalizante:

- Art. 1º O art. 83 da Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 – Lei de Execução Penal, passa a vigorar acrescido do seguinte § 4º:
- “Art. 83. ....  
 .....  
 .....

<sup>6</sup> Emite-se também o posto do membro da Brigada Militar.

§ 4º Serão instaladas salas de aulas destinadas a cursos do ensino básico e profissionalizante.” (BRASIL c, 2010)

Por outro lado, alguns militares declaram que a escola é mais um meio de ameaça à ordem e à segurança. A escola é um espaço para que galerias se encontrem e com isto fortaleça as possibilidades de motins e construção de rinchas entre militares e apenados. Porém, como há tempo já se sabe, o educador no ambiente escolar possui total controle das situações e construções de falas nas salas de aula, ele está ou deveria estar observando atentamente aos movimentos e discussões no espaço educacional. Sendo assim, ele também é um agente da segurança e não permitiria que indesejadas combinações entre alunos-presos fossem realizadas dentro da sua sala de aula.

*Tem cara aqui que só está aqui para sair mais cedo da cadeia. Querem aprontar lá fora e se fazem de bonzinho aqui dentro. Se perguntar se alguém quer estudar só para estudar, vão dizer que não. Então querem é moleza e sair daqui com diploma de gente boa. (Guarda da Brigada Militar)*

Esta postura de contrariedade à escola no presídio é denunciada pelos apenados afirmando que alguns guardas utilizam de “boicotes”<sup>7</sup> para o não acontecimento das aulas, não chamando o apenado nas entradas de galerias, impedindo a matrícula dele nas aulas ou até mesmo, segundo alguns apenados, criando situações de constrangimento para que o mesmo desista do estudo: *hoje não tem aula!* (Guarda da BM), como resposta ao questionamento do aluno preso sobre a ocorrência da aula.

Em alguns casos, a não frequência da aula é a resposta e o castigo por algum incidente de galeria. Quando o preso apresenta alguma alteração na conduta, logo é castigado em não ir à aula.

*Uma vez fiquei uma semana sem aula por causa que um novato entrou na galeria e fez a maior esculhambação. Só porque ele ficou na minha cela pensaram que eu estava no bolo<sup>8</sup> junto. Resultado: fiquei sem ir a aula uma semana. E os guardas ainda perguntavam pra mim se eu estava arrependido. (G.R.S.C. 30 anos)*

---

<sup>7</sup> Expressão usada pelos presos.

<sup>8</sup> Confusão.

Já a equipe de profissionais da área técnica<sup>9</sup>: psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e advogados veem a escola como um excelente instrumento de ressocialização. Logo, os argumentos já anunciam a necessidade de se rever os currículos, pois a equipe de área de psicologia argumenta a necessidade de a escola centralizar sua aprendizagem no ser humano, suas emoções e autoconhecimento:

*Seria interessante que nossos encontros fossem uma extensão da sala de aula. Eles poderiam estudar e o nosso encontro complementar o conhecimento deles, a autoestima. Mas ninguém organiza isto. As professoras só querem ensinar Português e Matemática e esquecem o ser humano e as relações. Poderíamos fazer um trabalho muito bonito. (Psicóloga, 2 anos na instituição)*

A equipe de profissionais da área da saúde aposta em um espaço de formação na prevenção de doenças, cuidados pessoais e até na formação de agentes de saúde nas galerias, para isto a escola acomodaria esta função:

*Ter aula sobre saúde ia ajudar no nosso trabalho. Eles iam se cuidar mais e cuidar os outros. Temos alguns “agentes” de saúde, poderia até ter uns cursos, e nós poderíamos ensinar para eles. Mas na enfermaria, quando eles chegam já estão tão mal que só dá para medicar e mandar de volta. Não tem prevenção, e mal o tratamento. Ganhamos um material sobre HIV e passamos para as professoras ensinarem, mas acho que não deu certo, ninguém falou mais nada. (Profissional da saúde)<sup>10</sup>*

Os profissionais das áreas de direito e de assistência social afirmam que deveria ser ensinado muito sobre seus direitos sociais e civis, apostando no ser humano dotado de direitos e obrigações sociais, fazendo com que o mesmo não reincida na criminalidade e se torne um sujeito respeitador e respeitado.

Com estas considerações, se percebe a emergência da construção de currículos ressocializadores,. O processo de ressocialização consiste na organização de ideias que operam em diferentes aspectos do ser humano: saúde, direito, autoestima e não esquecendo o conhecimento erudito, pois todos preparam o sujeito para a reinserção na sociedade da qual ele foi extraído anteriormente, e para que volte a ela, é preciso estar preparado.

Com relação às divergências e diferenças de ideias sobre escola em presídios, nota-se que os objetivos se perdem, ou vários e opostos objetivos se

---

<sup>9</sup> Civis.

<sup>10</sup> Não identificados a função e o tempo de serviço a pedido.

conflitam. Desta forma, a construção do currículo vai, além de direcionar o trabalho dentro da sala de aula, esclarecer e reforçar a importância da educação na vida do ser humano.

O conflito de ideias deve existir, e é a partir dele que as metas se constroem. Porém é necessário o espaço e oportunidade para que isto se realize, para que após este momento, todos passem a agir harmoniosamente e aproveitar a totalidade do ato educacional no cumprimento de um objetivo maior: a ressocialização, que é a função da penitenciária.

## A ESCOLA QUE FALHOU

Durante a pesquisa, uma pergunta se tornou recorrente para todos os entrevistados, ora no início ora no final da entrevista: “Como foi a tua vida escolar quando criança?” Em primeiro momento, em todas as falas, notou-se que as respostas eram positivas, falavam de alegrias, brincadeiras e situações agradáveis. Posteriormente encerravam com falas menos sorridentes, pois lembravam fatos que decidiriam a sua retirada do ambiente escolar.

Em nenhum momento a “expulsão”<sup>11</sup> da escola é vista como o agente principal ou até mesmo contribuinte para a formação de uma vida no crime. Até porque se compreende que o crime é um conjunto de situações sociais extrapoladas num ato de violência e compreendida e julgada diferentemente em cada situação.

*"O crime é, antes de tudo, um fato, entendendo-se por tal não só a expressão da vontade mediante ação (voluntário movimento corpóreo) ou omissão (voluntária abstenção de movimento corpóreo), como também o resultado (effectus sceleris), isto é, a consequente lesão ou periclitación de um bem ou interesse jurídico penalmente tutelado." (ELEUTÉRIO)*

---

<sup>11</sup> O destaque na palavra expulsão é dado em razão de em nenhum dos casos ela é **assim denominada**. Entre as expressões substitutivas encontram-se: convite a se retirar; oferta à outra escola e saída porque não dá mais.

Porém, o que se percebeu em comum é que em todas as respostas foram as alusões sobre a permanência na escola, que poderiam ter contribuído para que os entrevistados não tivessem entrado na vida criminal, pois valores pessoais e o respeito ao outro como um ser social poderia ter sido desenvolvido e posteriormente aplicado.

*Fiquei pouco na escola. Em seguida me disseram que eu tinha que sair porque não dava mais. Eu era um terror<sup>12</sup>. Sempre fui. Mas meus vizinhos eram também. Eles ficaram na escola e hoje são gente boa. [...] se eu tivesse ficado na escola, também poderia ser gente boa, talvez até roubasse, mas ia me controlar na hora de matar as pessoas que matei. (P.H. 53 anos)*

Nesta fala, o entrevistado indiretamente responsabiliza a escola por ele ser uma pessoa mais cruel, pois poderia ter assaltado e se tivesse ficado na escola, não seria um assassino, agravante na sua pena. Também se notou a mágoa pela forma como a escola o tratou, realizando comparações com outros sujeitos que não receberam o mesmo tratamento.

O ambiente escolar, antes da preocupação com o conhecimento erudito, é um espaço de socialização e de troca de experiências e vivências com diferentes sujeitos. A ausência da frequência de uma pessoa neste espaço impede que a mesma tenha um contato com a diversidade de culturas, de educações familiares e a troca e reflexão de valores humanos.

Pensar a escolarização para apenados, proporcionando salas de aula, estará se resgatando as saídas e a imagem negativa que possivelmente a escola tenha deixado. A atribuição de um currículo que desenvolva o convívio com a diversidade, em especial em presídios, que naturalmente são divididos por galerias<sup>13</sup>, faz com que o processo de ressocialização seja efetivo, considerando que é comum as galerias não se encontrarem no pátio, no banho de sol, e em nenhuma situação, salvo na sala de aula que é um ambiente de paz.

*Na aula todos se dão, todos são amigos. É estranho, mas lá ninguém quer saber de briga. Todos se dão, é como se fosse uma outra galeria, de paz. Galeria não. Galeria é coisa ruim. Na aula é lugar da paz. A professora é uma deusa, e nós viramos até anjos (risos). (M.G.S. 32 anos)*

<sup>12</sup> Criança agitada e com atitudes que demonstram falta de limites.

<sup>13</sup> É comum as galerias não se encontrarem no pátio e em demais situações. Salvo apenas no ambiente escolar



Dentro da casa penal, os espaços são descritos pelos apenados como lugares horríveis, sem vida e tristes. O som da violência é permanente, dia e noite: “*de noite a gente ouve os gritos de maldade*”, relata M.G.S., e ainda: “*só na aula que parece que tudo é branco, o resto é cinza*<sup>14</sup>”.

Completando, uma professora ao responder sobre sua segurança afirma:

*Aqui eu não tenho medo de nada, os guardas estão por aí, mas até quando eles não estão, tenho certeza que não vai me acontecer nada. Trabalho em outro lugar também e às vezes eu esqueço que estou dentro do presídio. Nem me interessa o que eles fizeram, quero é saber o que vão fazer quando saírem daqui. (professora, 18 anos de profissão, 6 na instituição)*

A fala da professora preconiza que a escola funciona, e que o ato de educar ajuda o sujeito a ser melhor, que entram de um jeito e saem melhor. Logo, a possibilidade de se estruturar a educação em casas penais voltada para a ressocialização já é um fato em desenvolvimento, porém que precisa ser aprofundado, ampliado e efetivado na totalidade das instituições penais.

Considerou-se também as respostas com a idéia da ausência de escolarização, porque as mesmas representam valiosa informação na composição dos dados da pesquisa, por elas revelarem a importância no interesse pelo estudo no cárcere.

Sobre a ausência de escolarização, percebe-se que ela configura o retrato mais cruel da exclusão. Uma resposta põe em evidência o fato:

*Eu sempre tive vontade de estudar. Não tinha como ir. Eu via os guris indo para o colégio com mochila e material bom. Eu não tinha lápis e nem caderno, e meu pai não podia me dar. Então quando eu pedia pra ir à aula, meu pai perguntava de onde eu tirava a ideia. Eu dizia: vi os meninos indo pro colégio. Daí ele respondia: então amanhã tu vai trabalhar comigo na obra, assim não vai ver os outros indo pro colégio, tu vai ter trabalho quando crescer. Quando cresci não tinha trabalho, não tinha estudo e nem meu pai. Tive que assaltar. Hoje estou na cadeia. Aprendi a ler agora. (J.C.A, 24 anos)*

A relação com o estudo é de pesar. Um lamento resulta em estar preso por não ter trabalho e pela a necessidade de sobrevivência que teria levado ao crime. Porém fica claro que se houvesse uma oportunidade de estudo, um amparo social para o entrevistado enquanto criança na escolarização, talvez evitasse as privações e as oportunidades de emprego poderiam surgir. A

---

<sup>14</sup> A PEJ não recebe pinturas. As construções deixam os rebocos à mostra.

concepção de ter estudo agora revela que o mesmo sente-se amparado com um pouco de escolarização, e com ela poderá buscar um trabalho e não a reincidência criminal.

*Sabendo ler fica mais fácil ter trabalho. Não muito. Mas é menos difícil ter trabalho sabendo ler do que não saber nada. Nas obras, eles só perguntam se a gente sabe ler e fazer contas. Agora ler eu já sei. Só falta aprender a fazer contas. (J.C.A, 24 anos)*

A construção do currículo também deve permitir atender às necessidades dos apenados diante de seus projetos para o futuro. Conhecer a história de vida de cada um, seu meio e suas perspectivas contribuem para a elaboração de um currículo que sirva para ele na saída da penitenciária. Sendo assim, com condições que o impeçam de reincidir no crime, a ressocialização penal de fato acontecerá.ou poderá acontecer.

## A SITUAÇÃO DAS ESCOLAS NOS PRESÍDIOS

Os tipos de escolas nos presídios variam muito de instituição para instituição. Além desta variante, a visão que os gestores têm de escola e de sua funcionalidade nas casas carcerárias contribui para que em cada lugar ela seja concebida e gerenciada de maneira diferente.

Dentro da mesma instituição, a PEJ, já teve diferentes formas de organização. Alguns gestores a favor procuram incentivos externos, patrocínios, construções de bibliotecas e outras salas de recursos para ampliar a oferta e a qualidade.

No entanto, esta mesma disposição já foi diferente. Em momentos anteriores a escola já esteve para fechar. Na Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas, em 2010, as salas de aula estavam fechadas. Os professores do Núcleo localizado na Penitenciária Modulada de Charqueadas, outra instituição do Complexo na região, comentam o fato com naturalidade, como se fosse comum o fechamento e abertura aleatório das salas de aula em anos diferentes.

Esta concepção revela a possibilidade de não continuação dos trabalhos de um ano para outro. Assim, as sistemáticas que compõem os currículos se tornam mais vulneráveis e, se houver alguma iniciativa de construção curricular, esta é fragmentada e ineficiente. Como se percebe: *Este ano tem bastante sala aberta. Ano passado a PASC fechou as salas, o administrador de lá não quis escola* (com naturalidade), (Professora, 18 anos de profissão). Ao se questionar o motivo do fechamento: *Acho que é pela segurança, é sempre pela segurança. Nunca aconteceu nada nas escolas, mas sempre são as primeiras que eles tiram do ar* (Professora).

Outro professor também tem a mesma opinião construída, porém acrescenta sobre o fechamento:

*Já vi casos de presos que pedem transferência de cadeias por causa das escolas que foram fechadas. Aqui dentro eles ficam sabendo de tudo. Alguns até criam situações para serem transferidos. Isto sim põe em risco a tal da segurança que eles<sup>15</sup> zelam tanto. Deste jeito a gente nunca sabe o que vai ser da nossa vida no ano seguinte. E os presos não dão continuidade aos estudos, se desmotivam, perdem o gosto.* (Professor, 26 anos de profissão)

O fato de não existir um currículo elaborado e consolidado no meio educacional das casas penitenciárias facilita o fechamento das salas de aula por administradores que entram sem conhecimento da ação pedagógica do grupo de educadores. Um currículo compõe um plano pedagógico. Este é elaborado para um período curto ou mais longo, conforme a necessidade. Com esta situação, pensar e construir um currículo criará a documentação e a “legalização” da prática pedagógica dentro de uma continuidade. E as ameaças de interrupção irão diminuir diante de uma situação planejada: *Ficamos com as mãos atadas na hora de argumentar para que não fechem as salas de aula.* (Professor).

---

<sup>15</sup> Administradores das casas penitenciárias, agentes da SUSEPE (Superintendência de Serviços Penitenciários) e guardas.

## O NÚCLEO NA PEJ

O Núcleo da PEJ opera com duas salas de aula, quatro turmas com média de 25 alunos em cada turma. As salas se encontram no final do corredor central após atravessar todas as entradas de galerias, tanto as inferiores como as superiores. As salas são pequenas, em média um espaço de 16 m<sup>2</sup>. A circulação de ar se dá por pequenas janelas no alto das paredes, pequenas, sujas e sem acesso. Na entrada da sala, há uma grade que separa o professor dos alunos. Quando o pessoal do GAM<sup>16</sup> termina de acomodar ou deslocar os alunos, a grade é cerrada. O professor só entra em sala de aula quando o grupo estiver acomodado e ao término da aula, sai primeiro, antes de iniciar a movimentação de retirada dos alunos:

*Acho que nem precisava isto, eu conheço meus alunos, eles até poderiam fazer alguma coisa, mas não comigo e na oportunidade da sala de aula. A segurança não tem nem a metade da confiança que tenho. No fundo, esta desconfiança é que gera mais desconforto e situações tensas no presídio. (Professora, 18 anos de profissão e 6 na instituição)*

A grade é o limite entre o educador e o educando. A regra é clara: não pode se aproximar da grade em circunstância alguma. Quando o professor quer entregar algo ao aluno ou vice-versa, é preciso deixar sobre a mesa que está próxima à grade. O professor deve usar uma vara de madeira para atrair o objeto ou papel. Quando desrespeita esta dinâmica, ele também é advertido pelos guardas que zelam pela segurança.

A aula é gerenciada, então, não somente pelo educador, e sim, também por guardas da Brigada Militar. Esta é uma das grandes queixas dos professores, pois precisam além de prestar contas para a Secretaria de Educação e Diretor do Núcleo, que são responsáveis pela educação e o ensino, fazem a prestação com a equipe da SUSEPE e da Brigada Militar, que

---

<sup>16</sup> Grupo de Ação Móvel

desconhecem qualquer teoria e método de educação. Sobre esta atuação coletiva nas aulas, Ireland afirma:

A educação no sistema prisional não depende somente dos educandos e educadores, mas também de um conjunto de atores que inclui diretores, agentes penitenciários e outros operadores da execução penal que têm um potencial grande de interferência – para o bem ou para o mal – no processo educativo. (IRELAND, p.31)

A construção de um currículo de ressocialização para privados de liberdade depende também da intersetorialidade. Reunir os gestores de todas as esferas das casas penais e da educação em busca de um senso comum, para assim, permitir uma elaboração de projeto pedagógico e logo a construção deste currículo:

*Na verdade, aqui nós prestamos conta para todo mundo. Ninguém nos ouve direito. Quando reclamamos, acham que o melhor é fechar as salas de aula. Temos que obedecer às leis e as regras de todos, e assim os medos e as coragens de todos, mas sobre educação e a prática na sala de aula, ninguém quer saber. Somos uma tribo com muitos caciques. Por sinal, muitos chefes e poucos índios. Tem mais gente para nos mandar e defender seus interesses do que para nos ajudar (angustiada). (Professora, 18 anos de profissão e 6 de instituição)*

Os alunos recebem aulas de Português, Matemática e Conhecimentos Gerais. Esta escolha é feita pelos próprios professores que priorizam as áreas de conhecimento conforme seus interesses. Alguns buscam trabalhar conteúdos com dinâmicas e reflexões, outros apenas apresentam o conteúdo, de forma expositiva. Não existe uma uniformidade nos objetivos, nos conteúdos, nas estratégias e na avaliação. Esta diferença é observada quando os presos que se encontram nas mesmas galerias e estudam em salas diferentes comparam as aulas.

Devido à comparação, até pensam em solicitar a troca de sala de aula, mas isto poderia configurar uma estratégia de situação de risco à violência, e logo a guarda da segurança não iria autorizar:

*Sei que a professora do lado passa uns filmes e conversa com os alunos sobre a vida. A gente fica ouvindo, mas nem pensamos em pedir pra tocar, se não os guardas já encremam. O melhor é ir ficando por aqui mesmo. Até porque já está bom, só de sair da galeria e ir para um lugar diferente aprender, já está bom mesmo. (G.R.S.C, 30 anos)*

A declaração do entrevistado revela uma contradição entre o interesse pela aula do outro professor e ficar por “aqui”, assim já satisfeito com a aula que recebe. Ouvir o apenado, saber de seus interesses e também haver trocas de experiências entre os professores, a partir de relatos do que dá certo e do que entedia os alunos, é uma forma de construir currículos agradáveis e logo ressocializadores. Este espaço para trocas de experiência não acontece, as reuniões semanais ficam, como já abordado, no plano administrativo.

O que se percebe é: existe um espaço para trocas, ele é garantido quantitativamente, nas quartas-feiras, dia de visita, em que os apenados não vão para a aula, porém qualitativamente, não se tem a reunião no âmbito pedagógico.

Esta situação de diferença nas metodologias e conteúdos é um dos fatores que afastam alguns alunos das salas de aula, sem motivação e interesse. Geralmente os alunos faltam muito às aulas, pois sofrem com doenças, depressão e não incentivo dos guardas. É comum os alunos se prepararem para a aula e os guardas não considerarem a retirada de alguns de uma determinada galeria, tudo varia de guarda para guarda e de como a galeria está se comportando. A parte paga pelo todo, é assim que acontece quando os guardas deixam de castigo os poucos alunos por mal comportamento dos outros na galeria:

*Tem semana que é todos os dias os guardas dizem que não tem aula. Depois na outra, quando troca o plantão, a professora avisa que teve aula. Assim a gente perde, ninguém ajuda, eles só atrapalham. Quando a professora reclama para a chefia, ela ainda é incomodada pelos guardas que pegam no pé delas. Tem dias que eu acho que querem é fechar a escola. (G.R.S.C., 30 anos)*

A represália é sentida por todos: alunos e professores. O incentivo à educação é baixo. Os guardas com esta atitude revelem a desinformação sobre a importância da escola e de como ela pode auxiliá-los em seus trabalhos. A escola é uma alternativa de amenizar os conflitos, pois os alunos respeitam e tendem a se tranquilizar com uma atividade humanizadora.

Por se tratar de um núcleo de educação, os alunos são preparados para as provas do ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos ou para os Exames Supletivos oferecidos pela Secretaria

Estadual de Educação do RS. Nesta modalidade, os alunos permanecem em aula por um tempo máximo de três a quatro meses. Levando em consideração os percalços, o aproveitamento em tempo na sala de aula pelos alunos é pouco, assim não garantem uma aprendizagem efetiva e também, como defendem alguns guardas, a remição também não é muito vantajosa.

## TEMPO PARA REFLEXÃO

O dia no presídio parece mais longo. As horas levam mais tempo para passar. Quando não se tem o que fazer a ociosidade dá espaço para as ações indesejadas: depressão, tristeza e planos de fuga.

As tarefas dentro das celas são realizadas rapidamente, até porque são poucas e além do mais, por elas serem repetitivas, o domínio da habilidade em fazê-las é maior e elas são cumpridas cada vez mais rapidamente. Assim sobra mais tempo para o vazio assumir seu papel.

O tempo livre é algo muito aparente na penitenciária, assim como a vontade de preenchê-lo com alguma coisa. As atividades mais comuns são as conversas em roda. Nelas, os detentos relatam várias vezes as histórias de suas vidas até antes a entrada na PEJ. Depois que se entra na PEJ não se tem mais histórias de vida, e sim histórias da PEJ, como eles afirmam. E estas histórias não valem a pena contar, elas são comuns a todos.

Neste contar histórias repetidamente, uma psicóloga da casa afirma que eles estão elaborando o passado lentamente, e assim fortalecem os vínculos com os demais apenados, organizam suas ideias, recebem críticas e podem ter uma visão de outros sobre suas atitudes passadas. O tempo ocioso, por esta ótica, então não seria tão ocioso assim.

O trabalho corresponde a uma oportunidade muito pequena para os apenados, considera-se bem menor as chances dele ter um trabalho lá dentro do que estudar. O ter trabalho significa estar a serviço dos guardas, contribuir para a atuação da Brigada Militar. Com esta natureza de trabalho, tem-se um

mal-estar entre os apenados, pois trabalhar para os guardas seria estar indo contra os apenados, é como se estivesse jogando para o time adversário.

O fato de estudar já constitui uma imagem mais aceitável, se está fazendo algo para si e para seu futuro, não se contribui para nenhum grupo de guardas e logo não está indo contra aos interesses dos apenados que veem no trabalho dos guardas como uma prática constante de maus tratos. Estudar é buscar a melhora para si e para seu futuro:

*Uma vez um guarda me ofereceu um trabalho. Era de ficar cuidando das portas de grade, eu seria um chaveiro. Nem pensei e achei tudo muito bom, estava pronto para trabalhar e conseguir reduzir minha pena. Daí um colega que já estava meio de cara virada comigo disse: tu vai servir pros guardas, acho que o pessoal não vai gostar. O pessoal incluía ele mesmo, e daí fiquei pensando que se o pessoal não gostasse eu estaria mal com muita gente, e os guardas não iriam me proteger. Desisti. Fiquei pra baixo, foi quando outro colega disse: vai estudar que é melhor, o tempo passa. Procurei as psicólogas e pedi escola, mandei bilhete pra professora e ela aceitou. Quando voltei para a galeria depois da primeira aula, todos estavam meus amigos de novo, diziam que eu era um homem certo, que estudar é melhor do que servir de “corinho”<sup>17</sup> dos guardas. (J.C.A., 24 anos)*

Entre os apenados, a preocupação em preencher o tempo é grande. Porém o que preocupa mais é como fazer isto. O trabalho sempre está ligado a alguém favorecido. No caso do trabalho na penitenciária, o favorecido é a guarda da Brigada Militar. Então, trabalhar para a BM não é bom, pois estaria contribuindo para um sistema de rivalidade. Já a ocupação de estudar, estaria diretamente ligado ao crescimento humano da pessoa. O preso estudante é reconhecido de forma diferente dos demais, é um preso em processo de ressocialização, como se o crime cometido estivesse cada vez mais longe dele, assim como aproximando a ressocialização e a capacidade de viver uma vida tranquila.

Na ociosidade, o apenado tem muito tempo para pensar no seu erro passado e numa perspectiva futura de vida. Porém, é preciso atividades para que esta reflexão não fique desorientada ou deixe de acontecer. A escolarização seria uma importante oportunidade para, além de qualificar o apenado, prepará-lo para a reinserção na sociedade.

Para aproveitar as horas de conversas, o tempo ocioso poderia ser preenchido com o ensino à distância dos bancos escolares ou com tarefas que

---

<sup>17</sup> Expressão que sugere a ideia de trabalhador sem limite.



complementassem a escolarização. Muitas dessas tarefas estariam ligadas à leitura, grupos de estudos e escrita, formalizando as rodas de bate-papos.

Mesmo que a lei não contemple esta modalidade de ensino para os apenados para fins de remição de pena, o que se põe em pauta não é a remição do tempo de pena, e sim o processo de escolarização e ressocialização integrados:

*A gente poderia ter temas para fazer e mais livros para ler. A professora fala que temos que ter livros e ler eles, mas é difícil encontrar a biblioteca ou ir até ela. Eu nem sabia que aqui tem biblioteca. Fiquei sabendo por acaso. Nós podíamos usar o tempo parado para estudar. A professora passaria a tarefa e a gente estudava na cela. (J.C.S.S., 29 anos)*

Nota-se que o apenado sente necessidade de ter valorização no que até então é chamado de tempo ocioso: a hora de conversa. É possível criar e estimular a oralidade de forma sistemática, constituindo um tempo de reflexão. A organização de monitorias para o direcionamento das atividades em tempo fora da sala de aula é uma ação que contribuiria para o processo de escolarização, e estaria estendendo a prática de sala de aula aos demais não contemplados pela escola, assim como despertando o interesse dos mesmos pelo ato de estudar:

*Uma vez eu levei toda a aula para a cela. Eu pensei que o pessoal ia rir de mim. Que susto levei, eles estavam todos sentados igual a alunos na escola. Eu ensinei igualzinho como a professora falou na aula. Eles perguntaram o que eu sabia e dali saiu um monte de pergunta que eu levei para a professora. Ela mandava as respostas por mim e todo mundo aprendia. Foi assim por um tempo, depois deu uma briga na galeria e as reuniões ficaram suspensas. Terminou meu tempo de escola e eu não tinha mais a professora para me ajudar. Sem assunto fiquei sem ter o que ensinar. Daí tudo parou. Mas era legal, acho que eu poderia ser professor também. Quando eu sair daqui vou ajudar no centro<sup>18</sup> da vila que eu moro. Lá eles dão aula pras crianças que estão fracas no colégio. (A.C.P., 36 anos)*

O ambiente carcerário não agrada aos apenados, ele é algo por inteiro ruim. Tentar recuperar presos oferecendo para eles o que há de pior, sem condições de vida, sem o respeito e o processo de ressocialização é o mesmo

---

<sup>18</sup> Compreende-se como centro comunitário.

que treinar atletas em posição de repouso. Na hora da atividade, eles estarão despreparados para tal. Como se espera que um detento tenha um preparo que o leve ao respeito às leis e aos direitos dos outros, se os seus direitos não foram respeitados?

As leis existem; os órgãos e as atribuições estão definidos, mas isso tudo ainda não é o suficiente para garantir a harmônica integração social do condenado e do internado. O que vemos são estabelecimentos penais com superpopulação, sem estrutura física adequada, com insuficiência de pessoal, além de denúncias de violência. (TEIXEIRA, p.9)

A vida em sociedade é constituída de muitos a fazeres e tarefas que contribuem para o grupo social: trabalho, escola, família etc. Buscar a ressocialização oferecendo ao detendo a ociosidade e o descaso é andar na contramão do objetivo.

## ESTUDAR PARA RESSOCIALIZAR

A importância do estudo no processo de ressocialização é evidente em todos os apenados entrevistados. Mais que o trabalho, os entrevistados valorizam o estudo. Parece contraditório, mas o sustento da família, dos filhos e o próprio é uma condição que pode ser alcançada por outro viés, pelo trabalho informal, por meios de seguros sociais ou por terceiros, no caso de familiares que garantam este sustento. Mas a dignidade enquanto pessoa social inserida num mundo de pensamentos e indagações só é garantida a partir do estudo.

A escola ainda é aquilo que se procura para se construir uma identidade. Entre não ter emprego e não ter escolarização, o indivíduo sente-se menos capaz socialmente sem ter a escolarização. O trabalho se organiza, a escolarização só se conquista:

*Fiquei na cadeia por 4 meses esperando um julgamento. Quando fui julgada pelo crime principal, recebi absolvição, e por outro menor*

*fiquei com pena alternativa: realizar trabalho comunitário. Ainda me ofereceram duas opções: ou numa creche ou numa escola. Nem pensei duas vezes, fui para a escola. O lugar com professores, alunos e livros é mais interessante, deu até vontade de estudar. [...] Na escola é legal ver de longe os professores ensinando e quando os alunos estão prestando atenção. Quando bagunçam, a gente sabe que a aula não está boa. [...] As pessoas na escola falam bonito, se aprende a falar com gente inteligente, com mais palavras. Eu gosto de trabalhar na escola. Depois que eu terminar a pena, a diretora vai me conseguir uma vaga na EJA. (T.C.M., 30 anos)*

A cumpridora de trabalhos comunitários revela na sua fala a importância da escola na vida da pessoa e como a escola ajuda a melhorar o cidadão no poder da oratória e na convivência. Também se percebe que, foi necessário uma pena alternativa para que a entrevistada recebesse a oportunidade de retornar ao ambiente escolar. Logo, dentro do ambiente, ela quer ir além da limpeza, quer estar inserida no processo de aprendizagem como aluna. Para isto, a articulação com os membros da escola ocorreu, de tal modo que a direção vai ofertar uma vaga. Esta articulação se deu diante da aproximação do indivíduo com o ambiente escolar. Em outras condições possivelmente ela não teria acesso à escolarização: *Nunca pensei que eu teria que fazer uma burrada para voltar a estudar. (T.C.M., 30 anos)*

O ambiente escolar sempre foi estigmatizado por um lugar respeitado, de pessoas superiores, em que os outros que lá entram vão melhorar de vida ou então devem sair de perto porque não são compatíveis ao local. Esta dessacralização da escola deve ser realizada para oportunizar a entrada de pessoas que a ela foram afastadas por diversos motivos.

*No começo me mandaram para a limpeza da biblioteca. Eu achei legal porque eu pensei que estaria escondida, ninguém ia ver uma cumpridora de pena na escola. Todos sabem que eu errei e estou nesta vida de pagar pena. Então a biblioteca era um lugar bom, sem ninguém me olhando. Só que a vice-diretora me pegou duas vezes com a vassoura e o balde parados e eu estava lendo livros. Peguei um monte de livros nas mãos e lia os nomes, depois abria as páginas e depois lia um pedaço de cada. Não deu para entender muito, mas era bom, me senti gente lendo com um livro na mão. Lembro-me que as únicas coisas que eu lia antes era anúncio de emprego. Daí ela<sup>19</sup> me perguntou se eu queria levar um pra casa para ler. Foi um horror: eu lia em casa e não tirava o livro da bolsa, elas me achavam na salinha da limpeza lendo o livro. Então a diretora disse: tu tens que estudar, está no ponto para ir para uma sala de aula, vamos ver uma vaga para ti. Naquele dia eu fui a pessoa mais*

---

<sup>19</sup> Vice-diretora.

*feliz, ela viu que eu era uma mulher legal e que poderia estar com os alunos inteligentes e com as professoras. (T.C.M., 30 anos)*

Ofertar o ensino deve ser uma prática constante nos ambientes escolares ou fora deles. O adulto fora de idade e com déficit de escolarização tem maior resistência em procurar a escola, ao mesmo tempo, ele fica aguardando, às vezes muito tempo da vida, para receber o importante convite para estudar.

Assim acontece com os apenados nas casas prisionais. Não se pode aguardar a iniciativa deles, deve-se apresentar o convite, levá-los às salas de aula, e ainda sendo possível, administrar aulas de apresentação, como convite para o ingresso na escolarização.

Em nenhum dos entrevistados se percebeu uma recusa ou repúdio ao ambiente escolar. Com focos e interesses diferentes, todos os entrevistados receberam e acolheram a ideia da escolarização como algo positivo e que proporciona a ressocialização:

*A escola é tudo. Não tem coisa melhor. Se eu tivesse estudando agora, eu conversaria diferente com o senhor<sup>20</sup>. Eu seria outra pessoa. Eu pensava que não tinha mais idade, mas tem um cara ali mais velho do que eu e chega da aula ainda contando as coisas que aprendeu. Ele aprontou mais que eu e está ficando um cara mais bom. Se ele pode melhorar com a escola, pra mim falta pouco, eu nem fiz quase nada do que ele. Logo mais eu saio daqui, acho que ele fica mais uns 10 anos. (P.H., 53 anos)*

A fala do apenado revela que o julgamento por seu crime o coloca numa condição de mais ou menos afastado da escola. E que, mesmo sem ele estar inserido no ambiente escolar, a escola é uma instituição que vai melhorá-lo como cidadão. Fazendo a comparação com outro apenado estudante, com mais idade, ele expõe que a escola não tem limites de idade e de critérios de acolhimento. O outro é mais idoso e com crimes mais violentos e, mesmo assim, a escola o acolheu, logo ele sendo mais jovem e com crimes mais leves, o acolhimento é garantido.

---

<sup>20</sup> Pesquisador.

## A ESCRITA COMO REGISTRO DE EXPERIÊNCIAS E SONHOS

*Eu escrevo tudo o que passa aqui dentro. Ninguém lê ainda, mas assim é melhor, não escrevo para ninguém daqui. Quando eu sair, quero contar as coisas para as pessoas não fazerem nada errado para não vir pra cá. Só que eu esqueço, daí escrevo porque vou ler e vou lembrar. Escrevo mal, mas não importa. Quando meus filhos estiverem grandes, quero que eles leiam o que aconteceu aqui, eles vão entender, e não vão querer vir pra cá. [...] Eu escrevo as coisas normais, as boas que são poucas e as ruins que são muitas. Tento misturar para não ficar um pedaço negro e outro bom no meu caderno. [...] Eu escrevo todos os dias um pouco, só não faço quando os guardas encrencam em não me passar o material que a família traz. Daí eu levo os cadernos que escrevi para o chefe da segurança e ele deixa passar os lápis e cadernos. (L.V.O.S., 31 anos)*

A escrita assume um importante papel na vida em cárcere do apenado. Ela preenche o tempo considerado ocioso, ela organiza os fatos ocorridos, além de desenvolver o potencial de escrita, faz com que o apenado registre um momento específico de sua vida, além do registro documental jurídico.

A escrita nas casas penais está cada vez mais presente na vida dos encarcerados. Ela vem substituindo os jogos e as rodas de conversas. Não que estas sejam desnecessárias, no entanto apresenta uma atividade variada para o preso.

A preocupação com o que escrever e como organizar os relatos é uma necessidade evidente que o apenado tem. Ele quer aprender a fazê-los. Nesta circunstância, a escola serviria com um aporte referencial, oferecendo espaço, momento e técnicas de escrita, variando entre gêneros e tipologias textuais.

Uma prática já existente são as poesias em cárcere realizadas por oficineiros em alguns presídios. Entre eles pode-se citar um trabalho passado realizado no Presídio Modulado de Osório, região litorânea do Estado. Lá as angústias e ilusões, assim como as perspectivas de vida e de sonhos foram transformadas em sentimentos leves e suaves de poemas editados por um grupo de acadêmicos de Letras de uma faculdade local.

A escrita é uma possibilidade de o detento produzir enquanto está encarcerado, e sendo acompanhado e orientado, ele estará qualificando a sua habilidade de registro por letras, transferindo do plano mental para o plano físico.

Esta prática pode servir de ponto de partida para a elaboração de um currículo ressocializador em cadeias. A escrita e a leitura são primordiais para que o cidadão compreenda o mundo e devolva para ele sua participação cultural. Além de tornar o sujeito livre, ele revela a forma em que vê o mundo, e no caso da penitenciária, a sua leitura de mundo é importante para registrar a sua história:

A importância do ato de aprender a ler e a escrever está fundamentada na ideia de que o homem se faz livre por meio do domínio da palavra. O uso da linguagem é tão importante que a linha do tempo divide a história em antes e depois da escrita. A partir de então, o homem pôde registrar sua cultura, as descobertas, as emoções, sua poesia, enfim, sua maneira de ver o mundo. Isso não quer dizer que o homem não manifestasse o desejo de se expressar no mundo antes de desenvolver a escrita. Ele se comunicava por meio do desenho e da pintura, mas foi com a escrita que ampliou sua habilidade comunicativa e socializou o registro através de um sistema convencional de sinais fechados. (ABDALA)

Conforme Abdala, o registro realizado deve ser socializado, isto é divulgado e compartilhado com seus contemporâneos. Para isto, o uso de um sistema convencional de sinais deve ser compreendido e dominado. No entanto, como um detento vai qualificar a sua habilidade de escrita se não tem a oportunidade de fazê-la?

Em contrapartida, as iniciativas partem dos próprios detentos. Estas iniciativas revelam e denunciam a emergência de escolas e de currículos que atendam às necessidades dos presos.

Como iniciativa, ao ser perguntado sobre o que gostava de escrever, surpreendentemente um preso apresentou a escrita da segunda edição de um dicionário de palavras<sup>21</sup> usadas na PEJ. A primeira edição foi concluída em 2001, sendo esta constituída de vocábulos já superados, logo veio a necessidade de atualização, e desta forma, novas palavras foram inseridas. Trata-se de uma escrita produzida nas sombras das galerias e nunca foi divulgada, nem mesmo no ambiente penal.

Este material é um objeto rico em registros linguísticos e históricos da instituição. Ignorado pelos gestores e demais profissionais, não recebeu a valorização devida. O material é um recurso a ser utilizado na própria sala de

---

<sup>21</sup> Configurando-se em gírias.

aula com a finalidade de aproximar a realidade do aluno com as abordagens de conteúdos e temas oferecidos na aula:

*É difícil mostrar para alguém o que a gente escreve. Eu fiz há uns anos atrás um dicionário de gírias daqui. Quando ficou pronto ninguém<sup>22</sup> quis ver porque disseram que malandragem se aprende fora daqui ou nem precisa ensinar. Só que teve um cara que quando entrou me pediu para ler, para ficar sabendo das coisas. Eu emprestei para ele. O camarada retornou e me pediu de novo. Ele disse que as palavras estavam velhas que tinha coisa nova rolando por aí. Então como estava com pouca coisa para escrever, resolvi fazer ele de novo. Deixar mais novo. (P.H., 53 anos)*

## CERTIFICAÇÃO DE ESTUDO X CERTIFICAÇÃO DO CRIME

Uma situação que merece ser apontada está na certificação de escolarização conquistada pelo aluno. Os apenados mesmo após o cumprimento da pena estão sujeitos a registros no sistema judiciário que denunciam sua condição de egresso do sistema prisional.

Esta situação coloca o egresso na condição de ex-apanado, e sendo assim a estigma de criminoso se consolida. Deixar de ser um ex-apanado para ser um cidadão ressocializado está no âmbito da prática e não no da teoria. A certificação é de que ele passou pelo sistema prisional, e sendo assim está novamente condenado, agora por sua nova condição.

Pouquíssimos são os empregadores que recrutam egressos do sistema prisional. Mesmo com muitas campanhas de governantes e trabalhos de ONG's para a inclusão do egresso no mundo do trabalho, nota-se um aumento pouco significativo nas ofertas de emprego que admitam egressos.

Mais uma vez o apenado, agora egresso do sistema, será excluído e posto a margem de situação de risco social. As famílias procuram acolher o quanto podem, pois já estão fragilizadas, muitas vezes, economicamente pelo afastamento de um importante membro em função do cumprimento de pena.

---

<sup>22</sup> Profissionais e atendentes da PEJ.

Esta realidade tem que ser modificada, no entanto a certificação escolar no presídio ajuda o egresso a argumentar a seu favor no momento de uma entrevista:

*Quando fui procurar emprego, pensei que seria muito difícil porque eu tenho a ficha suja. Só que daí me deram a ideia de levar o diploma<sup>23</sup> junto para mostrar que quando estava preso eu fiz algo de importante: estudei. No começo ficava meio assim sem jeito, mas daí vi que nos lugares pelo menos me chamavam para fazer entrevista, e quem conversava comigo sempre me perguntava como foi a passagem pela cadeia e como foi estudar lá. Daí eu aproveitava para falar as coisas boas que eu fazia, as coisas boas que aprendi e tudo o que mudou na minha vida. Podia até contar que eu tinha filhos e precisava do emprego. Foi assim que eu consegui trabalho. O diploma que eu levei me ajudou a fazer com que as pessoas me ouvissem. (C.E.B., 32 anos)*

Pela exposição do entrevistado, além da aprendizagem, a certificação de estudo na casa penal permite com que ele tenha portas abertas para expor suas necessidades e ser acolhido numa entrevista. Revela, também, que ele não ficou ocioso no presídio, e logo aproveitou a prisão para melhorar, ao contrário de que a sociedade tem em senso comum que o apenado, quando na cadeia, se escolariza no crime, e sai de lá mais preparado para praticar delitos:

*Eu pensava que não ia adiantar ter um papel que dissesse que eu tinha estudado, pois eu tinha outro dizendo que eu era um ex-cadeeiro<sup>24</sup>. Mas até que funciona. Eles ficam meio assim, desconfiados, mas com o papel da escola já dão mais assunto e até consegui alguns bicos<sup>25</sup> em construções grandes. (egresso)*

A certificação documental seria um retorno em registro para prestar conta à sociedade de que o egresso estaria de fato ou possivelmente melhor preparado a partir da descrição das atividades participadas, conteúdos e temas desenvolvidos na escola. Isto é, a certificação deveria além de explicitar a conclusão do curso, apontar as temáticas de ressocialização desenvolvidas durante a formação. Não serviria como um atestado de bom antecedente, mas de um atestado de esforço na ressocialização, já que de bom antecedente a justiça brasileira não mais irá lhe conceder.

---

<sup>23</sup> Certificado de conclusão do Ensino Fundamental.

<sup>24</sup> Expressão utilizada pelos apenados para nomear apenados com muitos ingressos na penitenciária.

<sup>25</sup> Trabalhos temporários.



## A EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE

Ao se pensar em currículos para ressocialização é imprescindível também em se pensar na educação profissionalizante. Como já comentado, o apenado tem a preocupação em seu ingresso no mundo do trabalho após a saída da penitenciária. E sua qualificação se torna necessária para competir diante da nova realidade enfrentada: a de ser um ex-apanado:

*Eu acho que na escola tinha que nos ensinar alguma coisa para trabalhar depois. Fica difícil sair daqui e ficar sem emprego. Ninguém vai me dar emprego depois de ter ficado “tantos”<sup>26</sup> anos fora do trabalho. Se eu tiver um curso para trabalhar posso batalhar uma vaga lá fora. Agora só levar um atestado de cadeia, acho complicado. (L.V.O.S., 31 anos)*

No entanto, as propostas de trabalho nas casas penais deixam a desejar, afastando o apenado do mundo do trabalho no tempo de cumprimento de sua pena. As poucas oportunidades de trabalho dentro da penitenciária apenas se configuram na remição de pena e nos salários baixos. Estes formam uma poupança para resgate na saída da casa penal. Chama-se a atenção aqui é a qualificação profissional por meio da escolarização. É aproveitar a sala de aula para inserir cursos profissionalizantes, preparando o apenado para a saída do sistema penal, diminuindo a disparidade entre ele e um candidato a trabalho sem registro criminal:

Durante muitos anos, ninguém dentro do sistema se preocupou com a capacitação profissional do interno penitenciário. Hoje, embora ainda timidamente, inicia-se tal discussão. Acredita-se que por meio da qualificação profissional dos internos se consiga inseri-los (ou reinseri-los) no mercado da força de trabalho. (JULIÃO, p.29)

---

<sup>26</sup> O tempo foi expresso na entrevista. No texto foi substituído para evitar possíveis identificações ou associações.

Nas respostas que os entrevistados deram para a pergunta que abordava o que aprender na escola que servisse para o trabalho, todas elas estavam direcionadas à formação profissional. Variadas atividades foram citadas, desde mecânica, costura industrial, elétrica, entre outras. Isto revela que é possível construir currículos também profissionalizantes com base no interesse da população carcerária. Se a população carcerária está ociosa é porque não há incentivo para atividades de formação e qualificação, assim como de trabalho e de aprendizagem profissional, sendo estas condições de ressocialização.

E este interesse é o que define a importância da escola: se há vontade por algo em aprender, a escola pode se adequar para oferecer o que se está sendo solicitado:

*Eu sabia fazer uns bicos de eletricista. É claro que agora eu teria que sair daqui sabendo mais coisas, porque lá fora vai ser dura a vida. Mas não ensinam nada, nas oficinas de trabalho só entram quem já sabe fazer as coisas; eu que não sei bem nada, não faço nada e ninguém me ensina. (J.C.A, 24 anos)*

A fala do detendo denuncia o descrédito na relação educação com trabalho. Nota-se falta de organização nos meios condutores entre a cela e as oficinas. Nos currículos de ressocialização, a inserção de qualificação profissional deve se estender da teoria nas salas de aula para as práticas em oficinas de produção e aperfeiçoamento:

*Eu aprendi a fazer umas coisas com o pessoal da marcenaria. Mas brigaram comigo porque não sei fazer contas e medir as tábuas. Isto é uma coisa importante que eu queria aprender na escola. Quando eu aprender a fazer contas e medir eles disseram que eu posso voltar para não estragar mais madeira. (A.L.S., 22 anos)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Privados de Liberdade é uma esfera da educação em fase de crescimento. Antes disso, pode-se afirmar que está sendo gerada, inicialmente, com fortes distorções de ideias e de insuficientes olhares de atenção. Pensar currículos para uma população carcerária em condições subumanas é um desafio que aparentemente tende a ser utópico. Faltam recursos, encaminhamentos, conhecimento das leis, falta interesse e iniciativa dos setores responsáveis.

A lei que dispõe desta oportunidade de educação existe, mas parece que não quer ser cumprida com eficácia, apenas se montam salas de aula, ofertam algumas vagas e organizam alguns professores. Porém quando se aponta o assunto da qualidade, se inicia um processo de muitas observações e relatórios de problemas. O que não se tem são iniciativas para solucionar os problemas e fazer da educação o eixo principal da ressocialização.

No entanto, quando o assunto é legislação, as leis são abrangentes e apenas indicam o que deve existir. Para que esta educação seja uma educação boa, é preciso visualizar o que tem que existir e criar artifícios para o como existir, sair do plano das ideias e entrar na concretude, na ação.

Dispor de escola para apenados com uma oferta reduzida é uma agressão ao princípio ressocializador. Como se fosse uma loteria, para que se tenha uma melhora no cidadão que cumpre pena, em que alguns terão a chance de receber e mesmo assim com baixa qualidade. Está se tratando aqui de uma situação social grave: a população carcerária precisa ser resgatada. E de uma situação funcional mais grave ainda: não estão sendo resgatados por falta de iniciativas.

Uma das maiores causas da reincidência ao pôr o ex-apanado na sociedade é não dar condições de inserção no mundo do trabalho. Ou em hipótese mais infeliz, colocá-lo num registro de egresso do sistema prisional, que vai além de não inseri-lo, significa afastá-lo com mais brutalidade da chance de trabalhar. A educação pode e deve ser um meio de oportunizar a qualificação profissional e assim desempenhar o papel da ressocialização.

E por fim, está se tratando também de um direito, e como já visto, a educação é um direito universal do ser humano. E este direito sendo mal ofertado, ou a oferta com qualidade inferior a sua necessidade, passa a ser um crime, tão mais bárbaro e irrecuperável do que os que nesta monografia foram ocultados.

## REFERÊNCIAS

ABDALA, Nacir . **Concepções de leitura e de escrita**. Disponível em: [http://www.educacional.com.br/articulas/outrosEducacao\\_artigo.asp?artigo=artigo0069](http://www.educacional.com.br/articulas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0069) . Acesso em: 13 nov. 2011.

BRASIL a. **LEI Nº 12.433, DE 29 DE JUNHO DE 2011**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12433.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12433.htm). Acesso em: 12 nov. 2011.

BRASIL b. **LEI Nº 7.210, DE 11 DE JULHO DE 1984**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm) . Acesso em: 12 nov. 2011.

BRASIL c. **LEI Nº 12.245 DE 24 DE MAIO DE 2010**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12245.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12245.htm) . Acesso em: 12 nov. 2011.

ELEUTÉRIO, Fernando. **Análise do conceito de crime**. Disponível em: <http://www.uepg.br/rj/a1v1at09.htm> Eleutério. Acesso em: 05 nov. 2011.

IRELAND, Timothy D., in: **Educação em prisões – direito e desafio** / Carmem Maria Craidy, org. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. As políticas de educação para o sistema penitenciário: análise de uma experiência brasileira. *In: Educação Escolar entre as grades*, Elenice Maria Cammarosano Onofre, org. São Carlos: EduFSCar, 2007.

TEIXEIRA, Carlos José Pinheiro, in: **Educação em prisões – direito e desafio** / Carmem Maria Craidy, org. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf> Acesso em: 06 nov. 2011.